**UM PASSADO DE TORTURAS: TRAUMA E MEMÓRIA EM *NÃO PASSARÁS O JORDÃO*, DE LUIZ FERNANDO EMEDIATO**

Venâncio Damasceno Gomes[[1]](#footnote-1)1

**RESUMO:** A literatura do testemunho é um campo que se volta para a narração de um acontecimento, em sua maioria traumáticos, e que apresenta implicações no âmbito histórico, social e político. O golpe militar implantado no Brasil em 1964, propicia a eclosão de um contexto profundamente marcado por políticas repressivas e censórias pelos militares, reprimindo todas aquelas vozes que se contrapunham ao governo. Luiz Fernando Emediato, nesse contexto, é um escritor que assumiu em sua escrita um caráter de resistência, privilegiando, em seus textos, o cenário amargo e repressivo da ditadura militar brasileira. Com base nisso, o presente estudo se propõe a analisar a novela *Não passarás o Jordão*, de Luiz Fernando Emediato, publicado em 1977, à luz dos pressupostos teóricos do trauma e da memória. Para tanto, as pesquisas empreendidas por Márcio Seligmann-Silva (2003), Eurídice Figueiredo (2017), Regina Dalcastagnè (1996), Malcolm Silverman (1995), Flora Süssekind (1985), dentre outros, serão fundamentais para fundamentar o presente estudo, dada as suas ponderações sobre o trauma e a memória. Portanto, a narrativa de Emediato, mesclando personagens reais e fictícios, apresenta ao leitor os sofrimentos enfrentados por Cláudia B., uma jovem militante de esquerda, submetida à prisão e tortura na época da ditadura militar, trazendo à tona os traumas aos quais estavam submetidos todos aqueles que tinham como projeto combater a ditadura.

**Palavras-chave:** Trauma. Memória. *Não passarás o Jordão*. Luiz Fernando Emediato.

**INTRODUÇÃO**

Na década de 60, a implantação do golpe pelos militares descortina novas configurações à sociedade brasileira, que passa a assistir ao desenvolvimento de um período sombrio, profundamente marcado pela repressão e censura. Desse modo, todos aqueles que se opunham às políticas empreendidas pelo Estado autoritário experimentavam duras medidas repressivas as quais deixaram marcas indeléveis em suas vidas.

Desse modo, a literatura do testemunho emerge em tal contexto como uma modalidade de escrita adotada por aqueles que passaram pelos mecanismos repressivos dos militares e veem na ficção um ambiente propício para narrar as suas experiências e, paralelamente, contribuir para a (re)construção da memória desses anos difíceis, abordando ainda as consequências de tais políticas autocráticas em suas vidas e na memória da sociedade brasileira da segunda metade do século XX.

Luiz Fernando Emediato, ao lado de muitos outros intelectuais, assinala em seus escritos o seu posicionamento contrário ao regime militar, fazendo uso do contexto violento e autocrático experimentado pela sociedade brasileira daquele período, como se pode perceber em sua novela *Não passarás o Jordão*.

Com base nisso, o presente estudo se propõe a analisar a novela *Não passarás o Jordão*, de Luiz Fernando Emediato, publicada em 1977, buscando perceber a maneira como o trauma e a memória se mostram representados na respectiva narrativa.

Para atingir tais finalidades, as pressuposições teóricas empreendidas por Márcio Seligmann-Silva (2003), Eurídice Figueiredo (2017), Regina Dalcastagnè (1996), Malcolm Silverman (1995), Flora Süssekind (1985), dentre outros estudiosos serão de grande valia para o desenvolvimento deste trabalho, em decorrência das discussões que tais pesquisadores realizam sobre as noções do trauma e da memória no contexto da ditadura militar.

**UM PERCURSO SOBRE O TRAUMA E A MEMÓRIA NAS NARRATIVAS SOBRE A DITADURA MILITAR**

O golpe instaurado pelos militares na década de 60 impõe várias e profundas transformações aos mais variados setores da sociedade brasileira, em decorrência dos inúmeros instrumentos repressivos utilizados para assegurar a sua permanência à frente do governo brasileiro. Analogamente, o campo cultural, também, passou por modificações, uma vez que, vários intelectuais assumiram um posicionamento contestatório e transferiram esse descontentamento aos seus escritos.

É isso que Flora Sussekind (1985) pontua quando destaca a referencialidade como uma marca que caracteriza essas produções, visto que, em tais narrativas, predomina a representação do cenário social do regime militar, ou seja, a sociedade brasileira marcada pelas imposições dos governos militares. Assim, conforme destaca Silviano Santiago (2002, p. 14), essa literatura assume um papel de resistência contra os desmandos da cúpula autocrática, adotando “uma crítica radical e fulminante de toda e qualquer forma de autoritarismo”.

Dessa maneira, a literatura de testemunho ganha destaque nas discussões literárias, ao se apresentar como um campo no qual o sujeito reconstrói mundos, a partir de suas experiências traumáticas/memorialísticas, adquiridas por testemunharem um determinado acontecimento histórico.

O pesquisador Márcio Seligmann-Silva (2003) afirma que o testemunho se caracteriza, paralelamente, pela necessidade e impossibilidade, isto é, simultaneamente ao desejo de narrar as situações vivenciadas, nota-se a impossibilidade de a linguagem verbal abranger todas essas experiências. Nesse ponto, a imaginação assume um papel de destaque, uma vez que, somente ela, proporcionalmente ao “real”, é capaz de desentravar essa linguagem.

Corroborando com isso, Regina Dalcastagnè (1996) pontua que, diante desse contexto catastrófico, impregnado por mortes, torturas, humilhações, a arte constitui um campo propício para a representação de tais horrores, dada a instabilidade do terreno da memória.

Com base nisso, as narrativas que se desenvolvem em tais contextos truculentos exigem uma reflexão sobre o trauma, dada as marcas indeléveis que esses anos trouxeram para a vida desses sujeitos à mercê dessas políticas autocráticas. Seligmann-Silva (2003) afirma que

[...] a história do trauma é a história de um choque violento, mas também de um *desencontro* com o real (em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida). A incapacidade de simbolizar o choque – o acaso que surge com a face da morte e do inimaginável – determina a repetição e a constante “posterioridade”, ou seja, a volta *après-coup* da cena (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 49).

As bases dos pensamentos sobre o trauma são encontradas na psicanálise, sobretudo nos estudos desenvolvidos por Sigmund Freud. Na conferência intitulada “A fixação no trauma, o Inconsciente”, datada de 1917, Freud aponta que a neurose traumática se apresenta como um forte apego a algum período do passado, isto é, a algo que foge da normalidade:

As neuroses traumáticas dão uma indicação precisa de que em sua raiz se situa uma fixação no momento do acidente traumático. Esses pacientes repetem com regularidade a situação traumática, em seus sonhos, [...] É como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda tivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada (FREUD, 1976, p. 325).

Diante do exposto, percebe-se que Freud sugere que o trauma estaria profundamente ligado a algum evento catastrófico, o qual pode ter deixado feridas irreparáveis. Contudo, pode-se compreender ainda que tal acontecimento traumático ao qual ele faz referência diz respeito a qualquer situação dolorosa.

É nesse ponto que fazem importantes as discussões sobre a memória, uma vez que esses levantamentos propiciam aos indivíduos rememorar tais acontecimentos traumáticos, evitando, assim, que esses eventos caiam no esquecimento. Seligmann-Silva (2003, p. 52) destaca o impasse experimentado pelos sobreviventes e as gerações posteriores, visto que, nesse ato de rememorar, de um lado, o sujeito confronta-se com a catástrofe, a ferida do trauma, e por outro lado busca um consolo que nunca se alcança integralmente.

O professor Malcolm Silverman (1995) acentua para o caráter das memórias de abarcar o coletivo fazendo uso da metáfora. Nas palavras do pesquisador “[...] o memorialismo é, por definição, autobiográfico, e, consequentemente, um espelho inseparável do próprio autor, individualmente ou como membro da sociedade” (SILVERMAN, 1995, p. 41).

Isso permite evidenciar o caráter coletivo que a memória assume, tendo em vista que o evento traumático foi experenciado por vários outros sujeitos que, similarmente, testemunharam tais ações catastróficas decorrentes das experiências de tais indivíduos. A esse respeito, retoma-se Maurice Halbwachs (1990), em suas proposições defendendo que, mesmo quando as nossas lembranças aparentam serem individuais, elas permanecem coletivas. Isso se dá “porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Dessa forma, a literatura que se descortina com o advento da ditadura militar brasileira – sobretudo, aquela que surge com o fim da censura, isto é, após 1978 – contempla a voz das minorias, aqueles sobreviventes dos inúmeros aparelhos repressivos utilizados pelo governo para punir todos aqueles que se manifestavam contrários a tais determinações.

Assim sendo, conforme assenta Eurídice Figueiredo (2017), “[...] todo o trabalho de investigação e divulgação do que ocorreu nos porões da ditadura é um dever de memória em relação às vítimas, a seus familiares e à sociedade em geral” (FIGUEIREDO, 2017, 13).

***NÃO PASSARÁS O JORDÃO*: UMA ANÁLISE À LUZ DO TRAUMA E DA MEMÓRIA**

Luiz Fernando Emediato é um intelectual brasileiro, que desempenha as atividades de jornalista, escritor e editor. As suas produções estão situadas nos conturbados anos da ditadura militar, de forma que contemplam marcas decorrentes desses anos traumáticos na vida social e intelectual brasileiros.

A sua obra *Não passarás o Jordão*, *corpus* para o presente estudo, foi publicada em 1977, pela Editora Alfa Ômega, e apresenta ao leitor as torturas sofridas pela personagem Cláudia B..., uma jovem de 22 anos, que, após ser sequestrada e ser levada a um cativeiro, experimenta várias situações de violência, que vão desde situações de interrogatórios, humilhações, torturas e, inclusive, estupros. Em meio à descrição dos fatos, o leitor acompanha os sofrimentos e situações deploráveis experimentados pela vítima, mediante aos atos de selvageria impostos a ela pelos policiais.

A novela é composta por três narradores que ganham voz e espaço na exposição dos acontecimentos: a protagonista Cláudia, o torturador e um narrador em 3ª pessoa. Tal estratégia possibilita ao leitor acompanhar a narração dos acontecimentos sob o ponto de vista de três personagens distintos. Além disso, a obra é constantemente entrecortada por trechos de documentos não ficcionais – como é o caso de alguns depoimentos e discursos políticos –, o que confere à narrativa um vínculo com o cenário social e político ao qual está inserido.

O título da novela faz uma analogia com narrativa bíblica que apresenta a trajetória do povo hebreu pelo deserto em direção à terra prometida. Contudo, considerando a forma como tal elemento se mostra representado narrativa, essa associação assume novos contornos. A esse respeito, Tânia Sarmento-Pantoja, em um trabalho que desenvolve sobre o mesmo *corpus* da presente pesquisa, destaca que

[...] o Jordão, sempre grande signo da passagem para a felicidade, para a utopia, comparece aqui invertido, denegando a demanda, a busca por outro lugar em que o Mal esteja pelo menos restrito ao lícito dos tabus que o acompanha. Quanto a esse aspecto, vale lembrar que o Jordão está intimamente associado à travessia, condição suspensa no conto. Não há passagem possível, aqui interposta como possibilidade de transcendência, para a jovem. Isso significa que mesmo perante a resiliência a reelaboração não a livra da convivência com a dor (SARMENTO‐PANTOJA, 2012, p. 236‐237).

No mito bíblico, é vedado a Moisés a sua travessia pelo Jordão, em razão da sua desobediência a Deus e é condenado a morrer ali mesmo na terra de Moab. Assim, essa marca intertextual presente na obra traz dois significados, cada um deles associado aos dois personagens que ganham corpo na narrativa: a primeira faz alusão à personagem torturada, no caso Cláudia, que, embora tenha proposto e defendido a militância, não logra êxito em seus projetos; por outro lado, o personagem torturador, partindo da relação de subserviência entre o Faraó e os soldados, seus subordinados e submissos à suas regras e exigências, da mesma forma essa associação é percebida entre o Estado autocrático e os torturadores, que buscam responder favoravelmente às determinações do governo.

A narrativa em estudo principia com a apresentação da cena da captura de Cláudia por um policial nas primeiras horas da manhã, antes de sair para a aula. Diante da inevitabilidade da sua prisão, a protagonista demonstra temor e incerteza quanto ao seu futuro:

Enquanto me conduzem por um corredor escuro, tenho a sensação estúpida de que estou vivendo um pesadelo. Um pesadelo pelo qual eu talvez já esperasse há muito tempo, é verdade. Mas que eu não fraqueje, que consiga suportar, é tudo que peço (EMEDIATO, 2013, p. 24).

Em tais narrativas, esse sentimento de temor é constantemente explorado, de forma que os personagens demonstram medo mediante às situações de crueldade, violências incomensuráveis, da enorme dor. Essa condição faz com que os personagens fiquem paralisados diante das inevitáveis cenas de torturas.

As dores sofridas pela protagonista no conto constituem um aspecto não individual, mas coletivo, no sentido de que tais marcas já fazem parte do imaginário social. A personagem reproduz a situação de muitos homens e mulheres que, similarmente, passaram por esse processo e carregam essa ferida consigo:

O corredor não termina, e enquanto ando recordo as instruções recebidas. Mas não consigo concentrar os pensamentos numa só coisa, uma multidão de ideias me toma o cérebro como se quisesse queimá-lo. Lembro-me dos relatórios, das narrativas dos que se salvaram, e sinto alguma coisa se revolver em meu estômago, o sangue refluindo, as pernas subitamente fracas e sem ânimo para andar. Sinto medo. E, de repente, nada mais me resta senão o terror, o terror diante do que me espera (EMEDIATO, 2013, p. 24).

Tais experiências da protagonista acarretam situações através das quais é impossível desvencilhar das marcas desse passado traumático que deixam em sua vida. A esse respeito, retoma-se as postulações de Freud (1976) que, conforme já visto, em seus estudos psicanalíticos, assenta que o trauma se caracteriza pela fixação do paciente “em determinada parte de seu passado, como se não conseguissem libertar-se dela, e estivessem, por essa razão, afastadas do presente e do futuro” (FREUD, 1976, p. 323), de forma que tais situações se repetem com frequência às vítimas.

Na narrativa, essas situações traumáticas vivenciadas pela protagonista impossibilitam que ela se desprenda desse passado, os quais causam-lhe inúmeros pesadelos, conforme nos apresenta o narrador-observador:

À noite, no inverno, quando o vento bate na janela e o frio quase lhe congela os pés, ou no verão, quando o calor lhe provoca suores de terror, Cláudia B. não dorme, atormentada por longos pesadelos ou pela solidão que lhe torna as noites mais temidas e os dias mais longos, pela solidão que lhe atravessa um grito mudo na garganta, e lhe permite apenas gemer, chorar, morder o travesseiro com alguma fúria e algum ódio, até que o cansaço e a desesperança lhe invadem o corpo que amolece, relaxa e quase morre de tão flácido (EMEDIATO, 2013, p. 64).

Assim, todas as situações de torturas sofridas por Cláudia impõem-lhe inúmeras feridas as quais deixam marcas indeléveis em sua vida, diante das situações traumáticas às quais a personagem estava submetida em decorrência dos instrumentos repressivos do Estado autocrático. Essas cenas produzem mudanças em seus comportamentos, como se pode observar na descrição do modo de vida de Cláudia nos parágrafos finais do texto:

Cláudia B. vaga pelas ruas como se não tivesse onde morar. Como se não tivesse para onde ir. Como se nada mais lhe restasse num mundo inóspito e frio.

[...]

[...] parece condenada ao silêncio e à solidão, à clausura no casulo do próprio corpo, esse corpo frágil, ferido pelas marcas do massacre e da derrota.

Mas Cláudia imagina, na solidão irremediável de seu isolamento, que lhe mataram tudo, que lhe tomaram tudo, mas não lhe tomaram a capacidade de pensar (EMEDIATO, 2013, p. 63-64).

Assim, depreende-se o enclausuramento do sujeito mediante a tais eventos traumáticos do passado, em decorrência das marcas indeléveis que ficaram incrustadas em sua memória, fato que que aprisiona o indivíduo nas feridas das situações vivenciadas. É isso que Seligmann-Silva (2008, p. 69) defende, na sua releitura de Freud, quando destaca que o trauma é caracterizado como “uma memória de um passado que não passa”.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escrita de Luiz Fernando Emediato contribui para se pensar sobre a ditadura militar brasileira, sobretudo discutindo acerca da situação da população brasileira à mercê das políticas arbitrárias do governo militar, reprimindo a todos os subversivos usando, para isso, vários instrumentos de torturas os quais afetaram profundamente a vida de várias pessoas, marcas que se refletem até os dias atuais.

Na novela *Não passarás o Jordão*, a representação da personagem Cláudia B. permite perceber como o trauma e a memória se mostram refletidas na vida da sociedade brasileira daquele período, experimentando um sentimento de remorso pelas torturas sofridas, mas também funciona como a porta-voz de todos aqueles que, similarmente, passaram por tais situações e tiveram as suas vidas afetadas.

A obra, dessa forma, representa uma tentativa do escritor de mostrar para as novas gerações “como aquilo aconteceu e como devemos lutar, agora que vivemos numa quase democracia, para que não aconteça jamais” (EMEDIATO, 2013, p. 13).

**REFERÊNCIAS:**

DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

EMEDIATO, Luiz Fernando. **Não passarás o Jordão**: tortura, terror e morte na ditadura militar brasileira. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

FREUD, Sigmund. “Fixação em traumas – o inconsciente” (1976a). In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XVI. Trad. José Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 323-336.

FIGUIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

SANTIAGO, Silviano. Poder e alegria: A literatura pós-64 – Reflexões. In: \_\_\_\_\_\_. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-27.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, n. 1, vol. 20, p. 65-82, 2008.

SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. Porto Alegre/São Carlos: Ed. Universidade/UFRGS/E. Universidade de São Carlos, 1995.

SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária**: polêmicas, diários e retratos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.

1. 1 Mestrando em Literatura e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: venancio201013@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-1)